

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Luiza Sassi Affonso Ferreira

O CONCEITO DE IDEOLOGIA EM KARL MARX E LOUIS ALTHUSSER

*disciplina: O mercado e o Estado na organização da produção capitalista. O caso do
Brasil: acumulação entravada*

Professores : Sueli R. ^SChiffer, Nuno Fonseca e Csaba Deák

São Paulo, 2013

SUMÁRIO

Introdução e justificativa

Ideologia em Marx

Ideologia em Althusser

Ideologia e a produção da cidade : algumas reflexões

Referências bibliográficas

Introdução e justificativa

O tema dessa monografia é parte importante da problemática de minha pesquisa de mestrado sobre a produção capitalista do espaço na cidade de Campinas. Tendo como proposta compreender as estratégias de atuação das elites brasileiras em suas tentativas de intervenção na construção e significação do espaço urbano, pretendo examinar os discursos simbólicos evocados pelas

associações de bairro e pelos promotores imobiliários daquela cidade, em suas tentativas de resignificação dos espaços; bem como as formas de intervenção promovidas por cada um desses grupos, que se posicionam de forma antagônica no caso estudado.

A preocupação com os discursos evocados por esses agentes – associações de moradores e atores do mercado imobiliário – remete à busca por desvelar, por trás das ideologias de classe, seus interesses, seu poder de determinação do espaço e, principalmente, sua ligação com a ideologia dominante. Tomamos como norte os estudos de Déak (2001), nos quais a ideologia é considerada, dentro do referencial teórico marxista, um instrumento de manutenção do *status quo*. A cada estágio de desenvolvimento produtivo capitalista corresponderia uma forma ideológica dominante, reproduzida pelo Estado, através de suas políticas públicas, intervenções econômicas, relações diplomáticas, etc. Consideramos a análise discursiva uma das formas de identificação da ideologia, que, a partir de nosso referencial teórico, não é somente um conjunto de ideias abstratamente produzidas e reproduzidas no imaginário, mas o conjunto de práticas cotidianas, rituais e hábitos, que garante a manutenção das diversas instituições do Estado no sistema capitalista.

Pretendo, por um lado, retomar o significado do termo para o pensamento de Marx e, como forma de desdobramento de sua teoria, as críticas e o pensamento de Louis Althusser sobre o conceito. Por outro, refletir sobre a ideologia nos leva à compreensão do porquê da não percepção da existência de classes sociais na sociedade capitalista, pressuposto para a aceitação de discursos universalistas, como o de que todos somos iguais perante a lei (mesmo com a constatação da enorme discrepância de tratamento da justiça no Brasil), etc.

Ao mesmo tempo, a ideologia nos remete à produção dos valores na vida cotidiana, enxergando a possibilidade de apreensão desses valores, e viabilizando a compreensão da produção social da própria vida, como demonstra Ranieri (2002). Como afirma o autor, é importante procurar associar o que do dia-a-dia é retido na mente dos homens para se transformar, mais adiante, em

meios de ação norteadores de suas vidas, como um processo de materialização dos valores e crenças na vida social.

Ideologia em Marx

Para compreender o conceito definido por Marx, podemos partir da ideia de consciência. Para Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*, a consciência não seria mais do que a existência, não teria autonomia em relação à existência, sendo a existência dos homens seu processo efetivo de vida. A sociedade, ao expandir-se, alterando suas relações materiais e sua produção, modificaria a partir de sua existência real, sua compreensão do real e os produtos de seu pensamento (DIAS, 2006). Portanto, ao negar o processo histórico de formação de sua realidade, o «idealista»:

não percebe que o mundo sensível que o envolve não é algo dado imediatamente por toda a eternidade, uma coisa sempre igual em si mesma, mas sim o produto da indústria e do estado da sociedade; isto, na verdade, no sentido de que é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, cada uma das quais alçando-se aos ombros da precedente, desenvolvendo sua indústria e seu comércio, modificando a ordem social de acordo com as necessidades alteradas (Marx, Engels; 1984, p. 67).

O modo de produção da vida material determinaria os processos da vida social, política e espiritual: «Não é consciência dos homens que determina o ser, ao contrário: seu ser social determina sua consciência». A ideologia é, portanto, falsa consciência, visão equivocada da realidade, uma vez que inverte a explicação da realidade, partindo da própria ideia para se explicar as ideias. Porém, dizer que se trata de uma consciência falsa não significa que a ideologia resulte

necessariamente de manipulação calculista, de «propagandismo deliberado». A ideologia está antes ligada à necessidade de pensar a realidade a partir do ponto de vista de determinada classe social, na sua relação com as demais classes e no quadro das condições de sua posição e funções (GORENDER, 2007).

Ao relacionar a ideologia ao modo de produção, Marx afirma ser essa fruto direto da divisão social do trabalho. A consciência está indissolúvelmente ligada às condições materiais de produção da existência, às formas de intercâmbio e de cooperação e, portanto, pode-se inferir que as ideias nascem da atividade material. Entretanto, como demonstramos, segundo o autor, os homens não representam nas ideias a realidade de suas condições materiais, e sim sua percepção da realidade imediata: troca-se a causa pelo efeito, e o efeito pela causa.

Chauí (2001) nos dá o exemplo dessa troca a partir da percepção da natureza pelo homem na religião. Essa é representada não como produto da relação dos homens e do meio trabalhado por eles, mas é vista como um poder autônomo, que comanda as ações humanas de forma externa. As relações sociais são vistas não como consequência da ação humana, mas como existentes por si mesmas. As atividades atribuídas a cada indivíduo pela divisão social do trabalho e pelas formas de propriedade lhes parecem imutáveis em consequência da sociedade que, desse ponto de vista, domina os homens, ignorando-se o fato de que esta é produto da própria ação humana.

A crítica de Marx ao pensamento hegeliano repousa assim, sobre a autonomia dada à consciência, às ideias, como se fossem as ideias produtoras da realidade. A realidade seria analisada, a partir desse prisma, de forma invertida. São os homens que produzem suas representações e ideias, homens condicionados por determinado desenvolvimento das forças produtivas e das relações que dele surgem: «não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam (...) para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e

das repercussões ideológicas desse processo vital (Marx, Engels; 1984, p. 19).

A divisão do trabalho só se torna efetivamente divisão do trabalho a partir do momento em que opera uma divisão entre o trabalho material e o trabalho intelectual. A divisão entre trabalhadores e pensadores, entre trabalhadores e proprietários e a consequente desigualdade social, permite que as ideias e interpretações da realidade se desvinculem dessa própria realidade, isto é, do mundo material. Mas essa divisão tem origem na própria divisão do trabalho na família e na divisão da família em núcleos isolados, opostos uns aos outros, gerando a distribuição desigual dos produtos do trabalho. Desse processo decorre a afirmação da realidade como natural e imutável, ou seja, como proveniente de entidades (como Deus, o Estado, etc); visão que se torna dominante na medida em que serve a quem interessa a manutenção das posições das classes – por estar difundida entre todos como visão de mundo coletiva, não por se impor verticalmente. Assim, em cada período histórico, a ideologia dominante é a reprodução dos interesses da classe dominante, que se manifestam como interesses coletivos e universais:

(...) todas as lutas no âmbito do Estado, a luta entre a democracia, a aristocracia e a monarquia, a luta pelo direito de voto etc. etc., nada mais são do que formas ilusórias sob as quais são travadas as lutas efetivas entre as diferentes classes; segue-se também que toda classe que aspira à dominação, mesmo que essa dominação determine a abolição de toda a antiga forma social e da dominação em geral, como acontece com o proletariado, segue-se portanto que essa classe deve conquistar primeiro o poder político para apresentar por sua vez seu interesse próprio como sendo o interesse geral, sendo obrigada a isso no primeiro momento (Marx, Engels; 1984, pp. 29-30).

O processo de afirmação da ideologia consiste, como se observa na passagem acima, na coincidência entre interesse particular e interesse geral. Trata-se, entretanto, de uma coincidência forçada, ou ainda de uma disputa, na medida em que se deve «conquistar primeiro o poder político». Assim, as diversas classes no poder no decorrer da história devem traduzir seus interesses como interesses gerais da sociedade, garantindo caráter de universalidade a seus pensamentos, representando-os como os pensamentos lógicos e exclusivamente válidos.

Se o conceito de classe, para Marx, pode ser compreendido a partir da divisão do trabalho – a exploração de homem sobre homem se dá a entre aqueles que detêm os meios de produção e aqueles que deles são desprovidos –, o mesmo acontece com a ideologia. O materialismo histórico permite ver na cisão entre trabalhador e meios de produção a própria origem da formação da consciência sob esse modo de produção: a alienação, a separação do trabalhador do produto de seu trabalho corresponde à perda da consciência de sua participação nessa produção, juntamente com a perda da noção do todo da produção. Em outras palavras, as condições reais de existência social dos homens não lhes aparecem como produzidas por eles; ao contrário, esses se sentem unicamente o produto de tais condições. Assim, Marx afirma que enquanto não houver um conhecimento da história real, no sentido de se descobrir o « significado da prática imediata dos homens » (CHAUÍ, 2008), sem o desenvolvimento da reflexão sobre a vida e sua crítica, a ideologia permanecerá como processo de manutenção da estrutura social.

Ideologia em Althusser

Althusser¹ afirma que o conceito de ideologia em *A Ideologia Alemã* não é propriamente

¹Para efeito do desenvolvimento de estudos posteriores do conceito de ideologia, é importante saber que existe uma oposição nas interpretações da teoria de Marx entre, por um lado, a perspectiva ontológica, baseada na teoria e interpretação de Lukács e, por outro, o desenvolvimento da perspectiva gnosiológica, que possui como representante maior Althusser, caracterizado como estruturalista. Para o aprofundamento dessa classificação, ver Ranieri (2002).

marxista: a ideologia seria sonho, abstração determinada pela alienação do trabalho. Segundo Albuquerque (2010), o projeto de Althusser é constituir uma teoria da ideologia geral, em contraposição às ideologias particulares, que exprimem posições de classe, sendo determinadas fora da ideologia – nas relações de produção. Pretende, portanto, pensar uma ideologia geral que estaria presente em toda história, ou melhor, na história de todas as sociedades de classe.

Na conceituação de Marx, afirma Althusser, a ideologia é um sistema de ideias, de representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social. A ideologia, para Marx, principalmente, não possui história, pois é teorizada como construção imaginária externa à realidade e resíduo da história concreta. Desta forma, a história da própria ideologia lhe é exterior – é a história dos indivíduos, da produção concreta dos meios de vida. Para Althusser, essa forma de pensar a ideologia é positivista e historicista, distanciando-se do materialismo histórico: «a ideologia em a Ideologia Alema não é marxista» (2010, p. 83).

Althusser propõe, no lugar dessa visão negativa do conceito – no lugar de caracterizar a ideologia pelo que não possui, ou pelo que não é – a ideia de que na verdade, o caráter a-histórico da ideologia está em sua forma imutável e onipresente na história das formações sociais de classe, ou seja, de que se deve caracterizar o conceito por estar presente em toda a história da sociedade de classes e, a partir dessa constatação, caracterizá-la de forma positiva – a partir do que ela é, e do que a forma enquanto ideologia. Portanto, assim como na teoria do inconsciente de Freud, a ideologia, no geral, é eterna. A partir dessa premissa, o autor postula duas teses sobre a ideologia: a ideologia tem origem na relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência; e, ao mesmo tempo, a ideologia tem um caráter material. As concepções do mundo representadas pelas ideologias de classe são imaginárias, não correspondendo à realidade; todavia, se forem interpretadas, pode-se encontrar a realidade do mundo a que fazem referência. Entretanto, opõe-se à definição de Marx, na qual são as condições reais de existência que são representadas na ideologia,

afirmando que são na verdade, as relações do homem com suas condições reais de existência. Desta maneira, Althusser sugere a substituição da questão do «porquê da ideologia» por outra questão: «por que a representação dos indivíduos de sua relação (individual) com as relações sociais que governam suas condições de existência e sua vida coletiva e individual é necessariamente imaginária?».

A base material da ideologia se confirma pois essa é exercida e reproduzida nas ações, no cotidiano, e não somente nas ideias, nos atos inscritos na prática: «diremos portanto, considerando um sujeito, que a existência das ideias de sua crença material, pois suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais, eles mesmos definidos pelo aparelho ideológico material de onde provêm as ideias do dito sujeito» (1985, p. 92). Para que fique claro, a materialidade tão enfatizada por Althusser está no cotidiano e nos rituais que garantem a manutenção das ideologias: está no deslocamento para a missa, no sinal da cruz de *mea culpa*, na oração, no discurso verbal interno (consciência) e no discurso verbal externo, etc. (*Ibidem*). Afirma Althusser:

ao falarmos dos aparelhos ideológicos do Estado e de suas práticas, dissemos que cada um deles era a realização de uma ideologia (a unidade destas diferentes ideologias regionais – religiosa, moral, jurídica, política, estética, etc, – sendo assegurada por sua subordinação à ideologia dominante). Retomamos essa tese: uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas. Esta existência é material (1985, p. 89).

Assim, o mecanismo de sujeição formado pela divisão do trabalho – mecanismo através do qual a ideologia faz com que os indivíduos aceitem «seu lugar» na produção como natural e

imutável –, não está presente somente nas ideias, mas existe num conjunto de práticas, de rituais situados em um conjunto de instituições concretas. Terry Eagleton resume a conceituação de Althusser e suas consequências:

Aos sujeitos sociais a realidade somente aparece na forma de produção imaginária de sua própria existência, o que faz com que estes sujeitos sejam capazes de agir segundo regras socialmente adequadas e estabelecidas, posto que eles se sentem integrados a este mundo por meio de uma estrutura interpretativa, que é o reconhecimento de si mesmos como agentes atuantes. O real é o mundo orientado para os sujeitos que o vêem segundo a sua interpretação deste mundo, mas são sujeitos que não se percebem como produto sobredeterminado da estrutura social. Nesse sentido, ideologia não é uma representação invertida das relações de produção e existência, mas, muito mais complexo que isso, trata-se da representação imaginária que os indivíduos têm dessas relações, resultando disso a perenidade que a ideologia, nestes termos, foi capaz de alcançar, sobrevivendo de forma a fazer com que os indivíduos suponham-se sujeitos, no interior de uma realidade que torna a sociedade mesma produto da interpelação ideológica (1997, p. 134).

Ideologia e a produção das cidades: algumas reflexões

A partir desta discussão sobre o conceito de ideologia, pode-se pensar a produção capitalista do espaço urbano como mecanismo de reprodução das práticas cotidianas que naturalizam e reproduzem a estrutura social. Se refletirmos sobre a distinção entre os bairros, por exemplo, veremos que o discurso sobre cada bairro tende a apresentá-los como localizações independentes,

possuindo cada um a sua história e um valor intrínseco, quase como se possuíssem uma fronteira real, uma barreira material que os separasse e que suas diferenças econômicas e de *status* teriam se dado de forma natural, espontânea. O valor de uso do espaço é representado pelas localizações nele contidas; é tomado, portanto, como qualidade autônoma, essencial ao próprio espaço, não como produto de um processo histórico de construção da cidade. Uma localização, sendo uma posição no espaço, não pode ser produzida enquanto tal (Deák, 2009). Deák demonstra que qualquer intervenção numa porção específica do espaço resulta «numa transformação do espaço como um todo e, em última instância, de todas as localizações nele contidas» (p. 93). As localizações enquanto valores de uso do espaço são resultado de um processo coletivo: «Isso significa que a produção do espaço não pode ser governada pela lei do valor imposta num mercado e, portanto, tem de ser executada coletivamente, ao nível social» (p. 94).

Como consequência dessa dessa visão autonomista das localizações, podemos observar a fragmentação da administração desse espaço. Nesse sentido, o dito planejamento urbano, passa a ser cada vez mais dividido, em subprefeituras, bairros, órgãos administrativos diversos, a partir de uma visão não sistemática e descontínua do espaço. Esse processo se intensifica com o desenvolvimento do discurso ideológico da participação, proveniente da estrutura neoliberal que passa a ser adotada na década de 1990 no Brasil (MIAGUSKO, 2008). Esse processo favorece de tal forma a manutenção das desigualdades, do *status quo*, que Villaça (1999) afirma não existir nesses casos, na realidade, planejamento urbano – ou seja, bem na forma da construção ideológica de Marx, seria esse um falso planejamento.

Ora, ao desvelar-se a ideologia por trás desse processo em espaços distintos dentro da cidade, reconhece-se que a produção material do espaço é um processo único e que um bairro só existe enquanto bairro estruturado, «bem localizado», «seguro», «com qualidade de vida», em relação ao bairro periférico, sem infra-estrutura. A diferenciação dos bairros só se dá colocando-se

um em relação ao outro, pois a produção da cidade, a partir da teoria da produção capitalista em Marx, é um processo produtivo total. A naturalização da diferença de infra-estrutura entre eles, infra-estrutura essa fornecida em sua maioria pelo Estado, a aparência do valor da localização como se fosse produzido enquanto tal, são parte da ideologia da produção do espaço.

Apenas em caráter de elucidação, podemos citar a atuação dos agentes que disputam a produção do espaço em Campinas, mais especificamente dos bairros no entorno da Universidade Estadual de Campinas – percebe-se, através de suas disputas, o processo de diferenciação do espaço, como cunhado por Deák (2001), e de valorização das localidades, como isoladas do todo do espaço urbano, processo baseado na ideologia em torno da produção da cidade capitalista e de seu dito planejamento.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. «Introdução: Althusser, a ideologia e as instituições». In:

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo, Brasiliense, 2008 [1979].

DEÁK, C. **À busca das categorias da produção do espaço**. Livre docência. Faculdade de arquitetura e Urbanismo- USP, 2001.

DIAS, M. Visitando o coração dos conflitos vividos na esperança: excursão sobre conceito de ideologia em Paul Ricoeur. **III Congresso Iberoamericano sobre o pensamento de Paul Ricoeur**, 2006. Disponível em www.ufac.br/portal/docs/.../artigovisitandocoracao.pdf

EAGLETON, T. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 1997.

ENGELS, F; MARX, K. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GORENDER, J. «Introdução». In: ENGELS, F. MARX, K. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MIAGUSKO, E. **Movimentos de moradia e sem-teto em São Paulo**: experiências no contexto de desmanche. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2008.

RANIERI, J. «Sobre o conceito de ideologia». In: **Estudos de Sociologia**, v. 13. Araraquara: 2002/2003

VILLAÇA, F. «Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil». In : DEÁK, C.; SCHIFFER, S. **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.